

OBITUÁRIO

Raphael Samuel

Bill Schwarz*
Janice Mazzilli Louzada

Guardião de rossa memória compartilhada

Em sua base no Ruskin College, Oxford, o historiador Raphael Samuel, morto de câncer aos 62 anos, transformou-se em uma instituição. Durante mais de 30 anos, viveu em seu posto como um professor comum, dedicado à árdua tarefa de ministrar aulas a adultos da classe operária, e no decorrer desses anos tornou-se presença marcante como historiador. Figura de grande importância no estabelecimento do radical *History Workshop*, no final da década de 60, era um acadêmico que trabalhava nas margens, mas que exerceu grande influência no centro de sua disciplina. Em 1994, foi Samuel, esse homem discreto, quem pronunciou a palestra especial – James Ford sobre história inglesa, na Universidade de Oxford.

Samuel tinha grande interesse por obituários. Lia-os com verve e envolvimento característicos. Escreveu muitos, cheios de calor humano e erudição. Refletia sobre a forma em si, curioso sobre suas origens históricas. A partir da leitura de *The making of the Middle Ages*, de R.W. Southern, chegou à conclusão de que o verdadeiro *locus* histórico do obituário jazia na vida monástica medieval. Sentia-se fascinado pelo atual renascimento dos obituários, recorrendo, nesse caso, a uma fonte bastante original – os conceitos sobre pós-modernidade e “nostalgia do presente” do teórico cultural norte-americano Fredric Jameson.

Em parte, seu desejo de esmiuçar os segredos de um obituário era meramente um entusiasmo que, entre muitos outros, às vezes o acometia. Em um sentido mais amplo, entretanto, a determinação de exaltar a memória dos mortos reside no âmago de sua extraordinária e incomparável paixão pelo passado.

* Professor do Goldsmiths College, New Cross, Londres.

Nesse aspecto, era como se Samuel estivesse sendo impulsionado. De aparência descuidada, sua vida era essencialmente intelectual, enquanto, fisicamente, tinha um ar de insone e um metabolismo que parecia impaciente por queimar as calorias, assim que entravam em seu corpo. Sempre o considerei menor do que realmente era, enfrentando situações além de suas forças. Em público, era como um desordenado e boêmio Prometeu, com sua imperturbável determinação, empenhado em recuperar as memórias e a dignidade de todos os tipos de pessoas.

Contudo, a despeito de todo esse ativismo, creio que a idéia de ele próprio ser amplamente homenageado após a morte talvez lhe parecesse um tanto chocante ou inadequada. Essa descrição, entre muitas outras coisas na vida de Raphael Samuel, tem raízes em seu comprometimento, na juventude, com o comunismo e, especificamente, com o Partido Comunista da Grã-Bretanha.

A palavra “comprometimento”, aqui, dá apenas uma pálida idéia do fervor com que Samuel abraçou o movimento. Em uma célebre série de ensaios publicados na *New Left Review* em 1985 – no momento em que o comunismo britânico atingia o ponto de ser *Passado a limpo* – Samuel tentava explicar para uma geração mais jovem, mais despreocupada, a vida emocional interior de um verdadeiro adepto. “Ser um comunista”, escreveu, “era ter uma identidade social plena”.

Na década de 40 ele era um estudante comunista, criado em relativa pobreza. Compartilhava seu mundo existencial e intelectual com a mãe, a quem, no Natal de 1950, presenteou com um exemplar de *Em defesa do materialismo*, obra do “pai do marxismo russo”, Georgy Plekhanov. Samuel estava se tornando um jovem ativista, ‘adotando’ os bairros comunistas do norte de Londres, em particular St. Pancras. Durante a guerra, passou algum tempo em Slough, a oeste de Londres, nas vizinhanças do bairro industrial onde sua mãe trabalhava e participava de atividades do operariado.

Samuel lia o *Daily Worker Football Annual*. Aprendeu *The tractor song* (A canção do trator) em russo. O primeiro filme que assistiu narrava o heróico papel desempenhado pelas crianças na revolução russa de 1905. Enquanto ainda estudante, no final da década de 40, juntou-se aos amigos mais velhos que haviam formado o famoso grupo de historiadores do Partido Comunista, o que o colocou em contato com personalidades como Christopher Hill, Eric Hobsbawm e E. P. Thompson. Mais tarde, quando os imperativos da militância combinaram-se com o que – sob um aspecto contemporâneo – chamaríamos de “o inocente chamado do romance”, foi, naturalmente, uma camarada que se tornou o objeto de sua afeição, declarada pela primeira vez em Arthur’s Seat, Edimburgo, local muito apropriado para o romance.

Em Balliol College, Oxford, no início dos anos 50, sob o olhar benevolente de seu professor, Christopher Hill, Samuel mergulhou em estudos de história. Suas atividades como novato continuavam em ritmo acelerado, em obediência às exigências do Partido.

Em 1956 veio a grande crise do movimento comunista internacional. Houve a “declaração secreta” do líder soviético Nikita Krushchev sobre os crimes cometidos por Stalin, seguidos do esmagamento da Revolução Húngara pelo Exército Vermelho. O mundo de Samuel desmoronou. A partir daquele momento, seu antigo senso de identidade transformou-se, conforme ele descreveu mais tarde, em “um mundo perdido”. Reestruturar-se novamente e reconstruir, a partir dos escombros, uma justificativa política ou moral para o estudo da história exigia uma jornada intelectual, que ele empreendeu com curiosa mescla de imaginação e intransigência, requinte intelectual e confessa ingenuidade teórica.

Tornou-se membro do grupo centrado na *Universities Left Review*, que viria se tornar, em 1960, a *New Left Review*, e no qual era um dos principais elementos. No final dos anos 50, foi também co-fundador do Café Partisan do Soho, em Londres, a nova e efêmera contribuição da esquerda para o rápido crescimento dos cafés.

Em substituição ao Partido e seus quadros, emergiu uma concepção mais democrática – e mais modesta – sobre “o povo” ou “o popular”, por quem e a quem os historiadores deveriam falar. No lugar da verdade bíblica imposta pelo Partido, surgiu uma forma mais original de escrever, que estimulava as pessoas a pensarem *por si mesmas* sobre o mundo como um local histórico e a questionar as coisas que pareciam ter recebido da natureza um caráter permanente. Mas a formação original da mente de Samuel continuava patente: determinado, resoluto, e – a despeito de todo seu populismo – excêntrico, uma mentalidade estranhamente avessa aos imperativos da cultura moderna.

Convencionalmente, a reputação dos historiadores bem conceituados é estabelecida a partir das obras que escrevem e de sua discreta ascensão na hierarquia acadêmica. Em nenhum desses aspectos, durante a maior parte de sua vida profissional, Samuel poderia ter a mais remota pretensão. O primeiro livro de sua autoria exclusiva, *Theatres of memory*, foi lançado quando ele estava perto dos 60 anos – uma forma despropositada de se pautar pelas normas de desempenho acadêmico. Longe de se sobressair entre as fileiras e ir em busca das pompas do magistério, sentia-se feliz no ambiente que escolhera – entre os adultos que alfabetizava em Ruskin – e genuinamente indiferente a tudo que pudesse ter vestígios de carreirismo.

Somente no início deste ano, em março, foi finalmente persuadido a pleitear uma cátedra. Mudou-se para a Universidade de East London, a fim de implantar um novo

centro de pesquisas sobre a vida no East End. Isso despertou no historiador um interesse permanente, que já deixara sua marca na magnífica biografia de história oral que, em 1981, conseguira obter do criminoso de East End, Arthur Harding, *East End underworld* (O submundo de East End).

Samuel desmistificou os mistérios profissionais dos arquivos, vendo na pesquisa primária o potencial para democratizar os estudos históricos. Em Ruskin, ele gostava de exortar os novos estudantes a irem diretamente às fontes. Em suas aulas, tinha o hábito de levar consigo seus livros, no princípio em pastas ou sacolas de compras, mais tarde em uma série de mochilas mais condizentes. À moda de um mágico em uma feira, vasculhava, como que alcatoriamente, uma profusão de pastas, livros e pedaços de papel, deliciado em compartilhar com a platéia passo a passo os frutos de suas pesquisas.

Dessa convicção sobre as propriedades democráticas dos estudos históricos surgiu o *History Workshop*. No começo, a iniciativa atrelou o caráter de “historiadores-trabalhadores” de Ruskin ao espírito intelectual mais cosmopolita, exemplificado pelo que era, na época, a idéia ligeiramente subversiva de história social, que podia ser encontrada em St. Antony’s College, Oxford. Em março de 1967, foi anunciada a primeira reunião do *History Workshop*, “*A Day with the Chartists*”.

The *History Workshop* foi um produto do final da década de 60, mas desde então vem florescendo. Reuniões anuais, particularmente nos primeiros tempos, constituíam eventos exuberantes, animados encontros de mentes sérias de entusiastas da história. Redes regionais explodiram. Em 1976 foi publicado o primeiro exemplar do *History Workshop Journal*. Foi inspirado por um pequeno grupo de intelectuais egressos de Ruskin, de Oxford e das redes *History Workshop*. A revista foi estabelecida com base em princípios democráticos militantes que – em um ambiente muito diferente – as gerações seguintes ainda lutam para sustentar. Mas a presença de Raphael Samuel e de sua antiga companheira, Anna Davin, foi formadora e intensa.

Acompanhar a carreira da revista ou consultar os 30 ou 40 volumes publicados no livro que acompanhou os primeiros anos da revista é testemunhar o crescimento da mente do historiador. Nos editoriais, incontáveis contribuições, “entusiasmos” e relatórios pode ser encontrado o testamento não só da vitalidade intelectual de Samuel e de seu amor pela história, como também de sua concepção de como uma história democratizada poderia ser.

Essa maciça produção intelectual, em que cada palavra é aberta ao escrutínio coletivo, não estimula elogios convencionais. O que a faz acontecer, assim como a empreendimentos semelhantes, foi um turbilhão político, intelectual e emocional.

Invariavelmente, Raphael Samuel tinha um jeito suave, e era o último a se abalar. Quando desconcertado, um ar de inocência aturdida tomava conta de seu rosto. Mas era extremamente sério com relação a suas idéias, e tinha uma convicção que provinha de sua herança comunista. Inevitavelmente, com tão vasta produção, às vezes carecia de um certo discernimento. Encantava aos que com ele trabalhavam, mas em certas ocasiões perdia as estribeiras.

Em 1994, além de proferir a palestra de James Ford, Samuel publicou o primeiro volume de seu livro *Theatres of memory: Past and present in contemporary culture*. Essa série tinha o objetivo de analisar como o passado continua ativo no presente. O primeiro volume conduziu Samuel pela trilha do legado cultural e do DIY nacional, inspirando-o a conduzir um inventário resumido de todas as formas do retro-chic contemporâneo.

Durante os anos 80, seus interesses intelectuais haviam se transferido da reconstrução de experiências perdidas daqueles que não tinham poder para uma preocupação com os mecanismos segundo os quais o passado é relembrado, dramatizado e questionado no presente.

Seu trabalho assumiu nuances mais familiares nos estudos culturais que na história convencional. Essa mudança foi marcada pela publicação de seu artigo intitulado *The philosophy of brick*. Esse estudo explorava o renascimento da predileção, em Londres, por construções de tijolos. Suas pesquisas o levaram a muitos mundos desconhecidos, distantes das características que ele havia absorvido nas ruas de St. Pancras, nos anos 40.

Theatres of memory foi amplamente aplaudido pela imprensa especializada, conquistando um novo público para seu autor. Seu tema era: “confie nas pessoas”. O trabalho sobre herança cultural talvez seja desprezado pelos intelectuais, mas causou profunda ressonância na cultura do povo e, portanto, não podia ser ignorado. Entre os profissionais, inclusive amigos com quem Samuel havia compartilhado várias experiências, a opinião sobre esse assunto era muito dividida. Mas, conceitualmente, essa discussão marcou o ponto culminante de seu pensamento desde o rompimento de 1956, e o início de sua busca por inspiração a partir das manifestações populares.

Em 1987, Samuel casou-se com Alison Light, união baseada no amor, companheirismo e sólida parceria intelectual: o lar do casal tornou-se um lugar de agradáveis reuniões, o cixo de uma variedade de redes e um eficaz laboratório de idéias.

Samuel acreditava que a carga emocional dos obituários provinha de seu poder simbólico de “desafiar a idéia de extinção”. O poder simbólico do trabalho que desenvolveu durante toda a vida proporcionou uma impressionante dignidade àqueles malcompreendidos pela história e atuou nesse mesmo sentido.

Raphael Samuel, historiador

Nascido em 26 de setembro de 1934

Falecido em 9 de dezembro de 1996